

Farmácia A. Caeiro: sobre as possibilidades de cura de uma doença tipicamente humana

Marcelo Alves

Mestrando em Teoria Literária - UFSC

*Tenho certeza, mas a certeza é mentira. Ter
certeza é não estar vendo.*

Alberto Caeiro

*O importante não é curar-se, mas sim viver
com seus males.*

Abade Galiani

Freud e Walter Benjamin legaram-nos dois preciosos artifícios para a interpretação do intrincado “fazer” humano: respectivamente, a legibilidade do inconsciente e a legibilidade da cidade. Tanto um quanto o outro elegeram como sinais “reveladores” da conduta humana não as idéias mais marcantes, as grandes ações ou obras, mas os gestos triviais, as “meras” coincidências, os sonhos esquecidos, os resíduos, as sobras, a “periferia” da história.¹ Ler o homem ou ler a cidade, nesta perspectiva, é lê-los imersos em seu cotidiano mais banal e desinteressante, é lê-los naquilo que os forja em descuidado silêncio. Aqui qualquer incidente, palavra solta ou imagem suscitada, torna-se um fragmento loquaz, preenche de significado nas mãos do hábil

Farmácia A. Caeiro:...

observador (bem a gosto do atual discurso dito “Pós”-moderno). O pesquisador torna-se um perscrutador, um intérprete à maneira dos oráculos, que nas fezes, no vôo ou nas vísceras dos pássaros buscavam presságios: basta ficar atento, o mundo está a gritar muitas coisas!

Para lá de minhas desconfianças com o desvario de algumas tendências pós-modernas que vêm na ruptura com os códigos de “leitura” do mundo a oportunidade para legitimar um cômodo “vale-tudo”, agrada-me pensar no poder evocativo/sugestivo que certos episódios cotidianos podem guardar e no seu possível aproveitamento como sedutor pré-texto à invenção crítica. É neste sentido que me aproprio, e transformo em *leitmotiv* desta minha leitura de Alberto Caeiro, de um curioso episódio narrado em tom de troça por Fernando Pessoa, gracejando da popularidade que seu então recém-criado heterônimo começava a gozar:

Há dias passava eu de carro na Avenida Almirante Reis. Levantando os olhos por acaso, leio no cabeçalho de uma loja: Farmácia A. Caeiro.²

A “partida” que Pessoa inicialmente tencionara pregar em Sá-Carneiro através da criação do heterônimo Alberto Caeiro, estendia-se e transformava-se numa monumental “brincadeira”, em mais uma dessas intrigantes aventuras do espírito humano.³ A poesia de Caeiro, com sua estranha lucidez, ganhara as ruas para viver nelas pelo que se opunha a elas: contramão da razão ocidental.

Muito já se escreveu sobre o objetivismo absoluto, a antipoesia, a negação da metafísica e a antifilosofia da obra caeiriana, e até mesmo sobre a “inconsistência” ou “incoerência” destas posições, alegando-se que Caeiro, em última análise, “tem de usar essa mesma linguagem metafísica de abstração que rejeita”.⁴ Sem dúvida todas estas afirmações são pertinentes e por certo contribuíram para a trama das interpretações da poesia de Caeiro. Todavia, são tão pertinentes, e eis minha inquietação, que chegam mesmo a soar com certa obviedade ululante. Qualquer

leitor minimamente atento que se aventure a uma primeira incursão nos versos caeirianos não encontrará grandes dificuldades para perceber tais elementos, mesmo que posteriormente não consiga verbalizá-los elegantemente em forma de ensaio ou artigo. Trata-se pois de considerações relativamente óbvias, que dispensam uma reflexão mais refinada para sua elaboração: são, por assim dizer, evidências da obra. Aliás, o que está, em princípio, perfeitamente de acordo com o estilo claro e direto, dito muitas vezes “ingênuo”, de Caieiro. Mas suspeito que o “óbvio” sugerido pela poesia de mestre Caieiro pode ser muito mais interessante do que este óbvio limítrofe que alguns de seus críticos insistem em comentar.

A esta altura cabe, antes de mais nada, ressaltar que, ao encadear vários versos mutilados segundo uma ordem que obedece a critérios exclusivamente meus, não pretenderei qualquer tipo de sistematização da dita (ou pressuposta) “teoria” de Caieiro. Aliás, se assim procedesse, incorreria no mesmo pernicioso esquecimento tão comum a alguns críticos literários: o âmbito de atuação de seu objeto, ou seja, o de reconhecer não só as possibilidades mas também os limites de intercâmbio da Literatura com outras esferas da linguagem, até como condição para assegurar àquela alguma idiosincrasia. Enfim, meu intento com esta manobra de montagem é de caráter ilustrativo e não, equivocadamente, argumentativo, no sentido rigoroso do termo. Equívoco este compartilhado por todos aqueles que, de modo explícito ou implícito, lidam com a obra de Caieiro à maneira de um *corpus* teórico.

Ao ler os versos de Caieiro, o leitor esbarra numa poesia que, a um só tempo, lança suspeitas aos veredictos da razão e ratifica as certezas cotidianas, as “verdades” fornecidas pelos sentidos: verdadeira heresia à tradição ocidental. A obra de Caieiro produz este efeito, como é de se esperar, não por meio de um exercício ostensivo e sistemático de reflexão (penso sem pensamentos), mas através do confronto imediato, num contexto poético, entre o que existe (para os sentidos) e o que é pensado:

Creio no mundo como num malmequer,

Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de
acordo...

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...(p.35)
Mas os homens, animais doentes,
acostumados à invenção e à mentira, custa-
lhes acreditar
Que as cousas sejam realmente o que
parecem ser
E não haja nada que compreender. (p.80)

E que, portanto, as cousas não têm significação: têm
existência apenas, ou seja, o que nós vemos das cousas são as
cousas. Para alcançar estas simples verdades é preciso sentir com
clareza, sentir livre do jugo do pensamento, porque

Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.
(p. 117)

Eis um exemplo do tipo de equívoco do pensamento quando,
arrogantemente, divorcia-se dos sentidos e entrega-se a si mesmo:

Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os
pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.

(p. 39)

A grande ilusão é querer “ler” o mundo, forçar a Natureza a falar através de um complicado e inútil aparato teórico:

Se a ciência quer ser verdadeira,

Que ciência mais verdadeira que a das cousas
sem ciência?

Fecho os olhos e a terra dura sobre que me
deito

Tem uma realidade tão real que até as minhas
costas a sentem.

Não preciso de raciocínio onde tenho
espáduas. (p. 124)

As idéias, no seu afã de explicar as coisas no sentido de torná-las razoáveis, mentem, transfiguram, inventam: são máscaras. Para descobrir a espantosa realidade das cousas é preciso se livrar dessas máscaras, é preciso raspar a tinta que embota os sentidos:

Não basta abrir a janela

Para ver os campos e o rio.

Não é bastante não ser cego

Para ver as árvores e as flores.

É preciso também não ter filosofia nenhuma.

Com filosofia não há árvores: há idéias
apenas. (p. 103)

Num primeiro momento, diante desta enxurrada de proposições antinômicas onde a razão aparece devorada verso a verso pela irresistível força aliciadora dos sentidos, fica-se tentado a uma dupla conclusão: Caeiro repudia totalmente qualquer reflexão mais elaborada ou de cunho metafísico, rechaçando assim a ciência, a filosofia e, em grande medida, até mesmo a poesia (“Os poetas místicos são filósofos doentes, / E os filósofos são homens doidos”), enquanto, por outro lado, adota diante do mundo uma postura

Farmácia A. Caetano...

“ingênua” no sentido de encarar a realidade como aquilo que lhe é oferecido pela imediatez da experiência. Mas aqui, ao lado do explícito e da apologia do explícito, a sutileza, amiga inseparável de todo espírito arguto, também encontra lugar.

Observe-se que aparentemente o dilema instaurado pela poesia de Caetano recupera, grosso modo, a clássica discussão sobre a dicotomia entre corpo e espírito. No caso do poeta português, as verdades do corpo põem à prova os juízos da razão, colocando-a em xeque (“Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas”). É bem verdade que esta provocação, caráter vital de toda manifestação artística, perpassa reiteradamente quase toda sua obra, porém sem autorizar qualquer conclusão precipitada de supressão da razão em favor de uma soberania absoluta dos sentidos. (Mesmo porque a intenção primeira de quem produz uma provocação não é tanto exigir do outro uma conclusão definitiva sobre a questão, mas sim que este fique incomodado.)

Uma das sutilezas através das quais se tenta diluir este dilema entre razão e sentidos na obra de Caetano é a aproximação de sua poesia com a Fenomenologia, especialmente a formulada por Merleau-Ponty. Trata-se de uma aproximação cuja pertinência não é difícil de ser reconhecida quando nos deparamos diante de versos como estes:

Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca. (p.49)

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está
bem, tenho-o.

Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa. (p.70)

Creio mais no meu corpo do que na minha
alma,

Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade. (p.121)

Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,

E o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto.

Sim, antes de sermos interior somos exterior.

Por isso somos exterior essencialmente. (p.122)

Para muitos, tornou-se então irresistível aproximar este pensar com o corpo, expresso na poesia de Caeiro, com a afirmação de Merleau-Ponty de que *la science du monde qui m'est donnée avec mon corps* (cito de memória): Na perspectiva fenomenológica, esta consciência corporal adquirida no contato com o mundo, “resolve” a dicotomia corpo/espírito em termos de existência: o corpo é a forma primordial do conhecimento.

Mas, apesar desta via ser um tanto interessante, o incômodo por mim vivenciado na obra de Caeiro tende a buscar outro caminho. Ademais, o único poeta da Natureza, como ele se autodenomina, tinha lá suas implicâncias: desgostava-o todo e qualquer esquema interpretativo da realidade, desgostava-o mais ainda qualquer tentativa de atribuir ao seu “ver” (“Eu nem sequer sou poeta: vejo”) uma filosofia:

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.

Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,

Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,

E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu? (p.122)

Farmácia A. Caeiro:...

Para compreender um pouco melhor o efeito polêmico produzido pela poesia caeiriana, a provocação que dela emana, o dilema entre razão e sentidos por ela instaurado, é salutar observar alguns elementos presentes em seus versos. Um bom começo talvez seja a sua própria forma. Trata-se, sem dúvida, de uma poesia marcada pela discursividade, caracterizando-se, apesar da distribuição em versos, muito mais como uma prosa poética. Possivelmente este aspecto contribua muito para iludir o leitor, fazendo-o crer que tem diante de si um texto ordenado segundo os moldes de argumentação. E o que é pior, leva-o mais facilmente a acreditar que o conjunto dos poemas possua alguma unidade teórica. Outros elementos significativos são os, sempre retomados pela crítica, filosofemas que permeiam a poesia de Caeiro. Alguns dos filosofemas mais frequentes na obra de Caeiro referem-se ao Epicurismo, ao Estoicismo, ao devir heraclítico e à lógica aristotélica. Exemplifico.

Epicurismo: a verdade das sensações.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.(p.49)

Estoicismo: a conformidade com a natureza.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno
Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no fato de aceitar
No fato sublimemente científico e difícil de

aceitar o natural inevitável. (p.120)

Devir heraclítico: “É impossível entrar duas vezes no mesmo rio” (Heráclito).

Sinto-me nascido a cada momento

Para a eterna novidade do mundo. (p.35)

Toda a coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. (p.132-33)⁵

Lógica aristotélica: o princípio de não-contradição (o que é é, o que não é não é).

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos. (p.76)

Estes filosofemas, incorporados naturalmente à sua poesia, auxiliam Caeiro na tarefa de produzir o confronto ruidoso, inconciliável, entre pensamento e coisa, encaminhando seu leitor para uma apologia do conhecimento direto. Mas deste choque frontal também podemos dizer que resulta uma “razão” que passa a desconfiar de si mesma, pois descobre-se, surpresa, sujeita a

Farmácia A. Caeiro:...

ilusões. Neste sentido, os diversos filosofemas amalgamados na poesia de Caeiro são varas que, vindas de todos os lados, cutucam irrequietas uma razão acomodada, uma razão autocontente, historicamente tão desconfiada dos sentidos mas incauta consigo mesma. Até a lógica aristotélica encontra-se aqui a serviço desta provocação. Se a filosofia clássica esteve preocupada em caracterizar a *doxa* (opinião) como ilusão dos sentidos e substituí-la por um conhecimento seguro fundado na razão (*episteme*), Caeiro recoloca o problema em outros termos: denuncia a *episteme* como ilusão da razão. Ainda mais, Caeiro não se limita a uma inversão simples da questão através de uma crença inabalável nos sentidos:

No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa.
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas de suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...

Ah, os sentidos, os doentes que vêem e
ouvem!

Fôssemos nós como devíamos ser

E não haveria em nós necessidade de ilusão...

(p.82)

Fôssemos adequados à Natureza, nossos sentidos não se veriam tentados a nos iludir. Gozariam serenamente as coisas tais como elas são, pelo simples fato de assim o serem, sem pretender alterar-lhes a constituição. Mas a razão está sempre descompassada com as circunstâncias, querendo modificá-las segundo os seus caprichos. Sim, Caeiro reconhece lastimoso que todos estão condenados, inclusive ele, à incurável doença de pensar inventariando e transgredindo o mundo:

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado

Por que lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,

Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,

Mas um animal humano que a Natureza produziu. (p.87)

A cultura, no caso a ocidental, aparece como doença, *décadence*, diz Nietzsche. Mas, uma vez por ela infectado, está-se condenado ao seu exercício e somente através de uma revolta da própria razão contaminada pode-se aplacar a “doença”. Paradoxalmente, o remédio não está na erradicação da doença, mas na sua exacerbação. Não se trata da negação da razão mas, ao contrário, de um acréscimo de racionalidade: a razão é veneno, vítima e seu próprio antídoto.

Os filosofemas compõem a Farmácia de Caeiro, que os manipula habilmente na produção de coquetéis, onde a poesia é o princípio ativo. Volto a insistir. O que confere, não unidade rígida, mas dinâmica, ritmo, enfim, movimento vital a esta miscelânea de filosofemas de conteúdos tão distintos entre si, e que de outra forma comporiam apenas um amontoado estéril, é a sua inserção num jogo poético. Estamos no âmbito da arte: Caeiro antes de fazer teoria, faz poesia. Ou melhor, o que se lhe atribui como sendo

Farmácia A. Caeiro:...

a sua “teoria” somente pode existir (se assim insistem) no contexto de sua poesia, e não separada dela. As diferentes combinações de filosofemas visam atender ao maior número possível de pacientes, sempre com suas peculiaridades, apesar da igual condição de doente. Procurando bem, Caeiro sempre fornece uma receita, que é receita nenhuma, é provocação, é poesia, é ver! As fórmulas, ele não as guarda, faz questão de esquecê-las e fica irritado com quem deseja rotular sua porções. Chega a negar o seu ofício (“Eu nem sequer sou poeta: vejo”) para livrar-se do peso da palavra morta: o nome. Mas bem sabemos que ao reverenciar o corpo, Caeiro também consagra-se como médico do espírito. Uma medicina que não cura e nem previne, é verdade, mas ensina a conviver com a doença. A panacéia seria existir claramente, caeiramente (“Basta existir para se ser completo”), mas o homem já traz consigo a doença da consciência:

Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas! (p.38)

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos
homens
Perante as cousas,
Perante as cousas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o
visível! (p.66)

Contudo, a própria doença faz parte da realidade, da vida, não há porque negá-la, pois todas as experiências no fundo são equivalentes na medida em que são naturais:

Se eu pudesse trincar a terra toda
E sentir-lhe um paladar, seria mais feliz um
momento...
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez em quando infeliz
Para se poder ser natural.

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e ervas...

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o
dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que
fica...

Assim é e assim seja...(p.61)

Ademais, cada coisa que há é uma forma naturalmente diferente de dizer a existência, então que haja muita coisa para multiplicar esse diálogo dos sentidos com o mundo:

Mas graças a Deus que há imperfeição no
Mundo
Porque a imperfeição é uma cousa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o mundo

Farmácia A. Caeiro...

engraçado.

Se não houvesse imperfeição, havia uma
coisa a menos,

E deve haver muita coisa

Para termos muito que ver e ouvir... (p.82)

Mestre Caeiro é mestre porque aprende ensinando: ao escrever, aprende o homem que não é e se reconcilia com ele, enquanto o leitor sente estremecer suas certezas diante desta estranhacomunhão.

NOTAS

¹ Também é digna de nota a contribuição posterior do italiano Carlo Ginzburg ao nível dos estudos históricos, através de sua proposta de um “paradigma indiciário”. Cf. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, sobretudo o ensaio intitulado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (São Paulo, Companhia das Letras, 1989).

² *Ficções do interlúdio/1 (Poemas completos de Alberto Caeiro)*, 5.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 27. Todas as citações, salvo quando houver indicação contrária, são extraídas desta edição. Doravante passo a indicar apenas a paginação.

³ Em carta datada de 13 de janeiro de 1935 e endereçada a Casais Monteiro, na qual relata a gênese de seus heterônimos, Pessoa recorda: “lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade” (p.17).

⁴ LUCAS, Fábio. “O drama do ser em Fernando Pessoa”, In: *Actas - IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos. Seção Brasileira*, 2t. Fundação António almeida, Lisboa, p.208.

⁵ Este não é um poema de Caeiro, mas uma fala sua reproduzida por seu discípulo Álvaro de Campos nas *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*.